

O Livro de Urântia

<< [Documento 172](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 174](#) >>

Documento 173

A Segunda-Feira em Jerusalém

173:0.1 (1888.1) NESSA segunda-feira pela manhã, bem cedo, tal como havia sido combinado de antemão, Jesus e os apóstolos reuniram-se na casa de Simão, em Betânia e, após uma troca de idéias breve, partiram para Jerusalém. Os doze mantiveram-se estranhamente silenciosos enquanto caminhavam para o templo; não se haviam recuperado da experiência do dia anterior. Estavam expectantes, temerosos e profundamente afetados por um certo sentimento de distância que tinha a sua origem na mudança de tática adotada pelo Mestre, combinada com a sua instrução para que não se engajassem em nenhum ensinamento público durante essa semana de Páscoa.

173:0.2 (1888.2) Enquanto esse grupo descia o monte das Oliveiras, Jesus indo à frente e os apóstolos seguindo imediatamente atrás, em silêncio meditativo, um único pensamento preponderava nas mentes de todos, exceto de Judas Iscariotes, o qual era: o que o Mestre fará hoje? O único pensamento que absorvia Judas era: O que farei? Devo

continuar com Jesus e os meus companheiros, ou devo retirarme? E se eu resolver abandonar tudo, como vou fazer esse rompimento?

173:0.3 (1888.3) Por volta de nove horas dessa bela manhã, esses homens chegaram ao templo. Foram imediatamente para a ampla praça onde Jesus ensinara tão freqüentemente e, após saudar os crentes que o aguardavam, Jesus subiu em uma das plataformas para os instrutores e começou a falar à multidão que se reunia. Os apóstolos mantiveram-se a uma curta distância e esperaram os acontecimentos.

1. A Purificação do Templo

173:1.1 (1888.4) Um imenso tráfico comercial havia surgido em função dos serviços, das cerimônias e do culto no templo. Era o comércio que provia os animais adequados aos vários sacrifícios. Embora fosse permitido que os fiéis trouxessem o próprio animal do sacrifício, persistia o fato de que esse animal devesse estar livre de toda “mancha” no sentido dado pela lei levítica e segundo a interpretação dos inspetores oficiais do templo. Muitos dos fiéis haviam passado pela humilhação de ter o seu animal supostamente perfeito rejeitado pelos examinadores do templo. Por isso tornou-se uma prática comum comprar, no templo, os animais para o sacrifício e, embora houvesse vários postos perto do monte das Oliveiras onde pudessem ser comprados, havia-se tornado moda comprar esses animais diretamente dos cercados do templo. Gradualmente cresceu o

costume de se vender todas as espécies de animais de sacrifício nas praças do templo. E, assim, passou a existir um negócio extenso, no qual lucros enormes eram auferidos. Uma parte desses ganhos era reservada ao tesouro do templo; a maior parte, contudo, ia indiretamente para as mãos das famílias dos altos sacerdotes no poder.

173:1.2 (1888.5) Essa venda de animais no templo prosperou porque, quando o fiel comprava um tal animal, embora o preço fosse tão mais alto, nenhuma taxa mais tinha de ser paga; e o fiel podia estar seguro de que o sacrifício proposto não seria rejeitado sob o pretexto de que o animal possuiria defeitos técnicos ou imaginários. De quando em quando, um sistema de preços exorbitantes era praticado para com a gente comum, especialmente durante as grandes festas nacionais. Em outros momentos, os sacerdotes de maior cobiça chegavam a cobrar o equivalente a uma semana de trabalho por um par de pombas, o qual poderia bem ser vendido ao pobre por uns poucos centavos. Os “filhos de Anás” haviam começado já a estabelecer os seus bazares nos recintos do templo; aqueles mesmos mercados de gêneros que perduraram até o momento em que foram, afinal, destruídos pelos populares, três anos antes da destruição do próprio templo.

173:1.3 (1889.1) O tráfico de animais e de outras mercadorias para o sacrifício, entretanto, não era o único modo pelo qual se profanava as praças do templo. Nessa época havia se fomentado um sistema extenso de intercâmbio bancário e comercial, que foi levado até para

dentro dos recintos do templo. E tudo isso acontecera do seguinte modo: durante a dinastia dos asmoneanos, os judeus cunhavam as suas próprias moedas de prata, e, havendo sido estabelecida a prática de exigir-se que os tributos no valor de meio siclo, ao templo, todas as outras taxas do templo eram pagas nessa moeda judaica. Tal regulamentação tornava necessário que se licenciassem cambistas para converter as muitas moedas em circulação, na Palestina e em outras províncias do império romano, por esse siclo ortodoxo de cunhagem judaica. A taxa do templo, por pessoa, pagável por todos, exceto pelas mulheres, escravos e menores, era de meio siclo, uma moeda de aproximadamente um centímetro de diâmetro e larga espessura. Na época de Jesus os sacerdotes estavam isentos também do pagamento das taxas do templo. E, desse modo, entre os dias 15 e 25 do mês anterior à Páscoa, os cambistas autorizados instalavam os seus postos nas principais cidades da Palestina, com o propósito de fornecer ao povo judeu a moeda adequada para pagar as taxas do templo quando estivesse em Jerusalém. Depois desse período de dez dias, os cambistas iam para Jerusalém e continuavam com as suas mesas de câmbio nas praças do templo. Era-lhes permitido cobrar uma comissão equivalente a três ou quatro cêntimos pela troca de uma moeda cujo valor era de cerca de dez cêntimos, e caso uma moeda de maior valor fosse oferecida para a troca, era-lhes permitido cobrar em dobro. Do mesmo modo esses banqueiros do templo recebiam com lucros pela troca de qualquer dinheiro destinado à compra de animais para sacrifício, ou destinado ao pagamento de votos e oferendas.

173:1.4 (1889.2) Esses cambistas do templo não apenas efetuavam os negócios bancários pelo lucro no câmbio, de mais de vinte moedas diferentes, que os peregrinos visitantes traziam periodicamente a Jerusalém, mas também participavam de todas as outras espécies de transações pertinentes ao negócio bancário. E, tanto o tesouro do templo quanto os seus dirigentes, lucravam tremendamente com essas atividades comerciais. Não era incomum que o tesouro do templo guardasse o equivalente a mais de dez milhões de dólares, enquanto a gente comum definhava na pobreza e continuava a pagar arrecadações injustas.

173:1.5 (1889.3) Nessa segunda-feira pela manhã, em meio à multidão barulhenta de cambistas, de mercadores e de vendedores de gado, Jesus tentou ensinar o evangelho do Reino do céu. E não era ele o único a ressentir-se dessa profanação do templo; a gente comum, especialmente de visitantes judeus de províncias estrangeiras, também se ressentia sinceramente dessa profanação especulativa da casa nacional do seu culto. Nessa época, o próprio sinédrio mantinha as suas reuniões regulares em uma sala cercada por todo esse murmúrio e confusão de comércio e de câmbio.

173:1.6 (1890.1) No momento em que Jesus estava para começar a falar, duas coisas aconteceram que prenderam a sua atenção. Na mesa de dinheiro de um cambista por perto, havia surgido uma discussão violenta e calorosa, sobre uma comissão excessivamente elevada, cobrada a um judeu de Alexandria, enquanto ao mesmo tempo a atmosfera ali foi rompida pelos mugidos de uma manada de uns cem

bois os quais estavam sendo conduzidos de um setor dos currais para outro. Quando se deteve, contemplando, silenciosa e pensativamente, essa cena de comércio e confusão, Jesus observou, perto de si, um cândido galileu, um homem com quem ele certa vez havia falado em Irom, sendo ridicularizado e empurrado por uns judeus arrogantes e pretensiosamente metidos a superiores; e, tudo isso combinado, produziu um dos estranhos acessos periódicos de indignação emotiva na alma de Jesus.

173:1.7 (1890.2) Para assombro dos seus apóstolos, que estavam por perto, e que se abstiveram de participar naquilo que logo aconteceu, Jesus desceu da plataforma de instrutor e dirigiu-se ao garoto que estava conduzindo o gado pela praça, tomou dele o chicote de cordas e rapidamente tirou os animais do templo. Isso, todavia, não foi tudo; a passos largos, e majestosamente, diante do olhar assombrado dos milhares de pessoas reunidas na praça do templo, Jesus dirigiu-se ao curral mais distante e pôs-se a abrir as porteiras de todos os currais e a colocar para fora os animais aprisionados. Nesse momento os peregrinos ali reunidos ficaram exaltados e, em uma gritaria tumultuada, foram até os bazares e começaram a virar as mesas dos cambistas. Em menos de cinco minutos, todo o comércio foi varrido do templo. No instante em que os guardas romanos da vizinhança surgiram em cena, tudo já havia sido aquietado e a multidão já se encontrava comportada; e Jesus, voltando à plataforma do orador, disse à multidão: “Vós testemunhastes, neste dia, o que está escrito nas escrituras: ‘A minha casa será chamada de

uma casa de oração para todas as nações, mas fizestes dela um covil de ladrões”.

173:1.8 (1890.3) Antes, contudo, de Jesus poder dizer outras palavras mais, a grande multidão irrompeu em hosanas de louvação e, logo em seguida, um grande grupo de jovens, saindo da multidão, cantou hinos de gratidão, por os mercadores profanos e usurários haverem sido expulsos do templo sagrado. Nesse momento alguns dos sacerdotes tinham chegado ao local, e um deles disse a Jesus: “Não ouvis o que os filhos dos levitas dizem?” E o Mestre respondeu: “Nunca lestes: ‘da boca das crianças e dos lactentes a louvação saiu perfeita?’” Durante todo o restante daquele dia, enquanto Jesus ensinava, os guardas colocados pelo povo vigiavam em cada arco de entrada, e não permitiriam que ninguém levasse sequer uma vasilha vazia pelas praças do templo.

173:1.9 (1890.4) Quando os principais sacerdotes e os escribas ouviram contar sobre esses acontecimentos, ficaram sem fala. Quanto mais temiam o Mestre, mais ficavam determinados a destruí-lo. Mas se sentiam confusos. Não sabiam como executar a sua sentença de morte, por temeram bastante as multidões, que agora expressavam abertamente a sua aprovação pela expulsão dos especuladores profanos. E, durante todo esse dia, um dia de paz e de tranqüilidade nas praças do templo, o povo ouviu aquele ensinamento e manteve-se literalmente suspenso pelas palavras do Mestre.

173:1.10 (1890.5) Essa ação surpreendente de Jesus estava além da compreensão dos seus apóstolos. Eles ficaram tão desconcertados

pela ação repentina e inesperada do seu Mestre, que permaneceram agrupados, durante todo o episódio, perto da plataforma do orador; e não levantaram sequer um dedo para ajudar nessa limpeza do templo. Se esse acontecimento espetacular tivesse ocorrido no dia anterior, no momento da chegada triunfal de Jesus ao templo, no término da sua tumultuada procissão pelos portões da cidade, todo o tempo aclamado em altos brados, a multidão teria estado pronta para tudo; mas, vindo como veio, ninguém se encontrava absolutamente preparado para participar.

173:1.11 (1891.1) Essa purificação do templo mostra a atitude do Mestre para com a comercialização das práticas da religião, bem como a sua abominação por todas as formas de injustiças e de extorsão dos pobres e dos ignorantes. O episódio demonstra também que Jesus não via com aprovação a renúncia de empregar a força para proteger a maioria de um certo grupo humano qualquer, contra as práticas desleais e escravizadoras de minorias injustas, as quais podem entrincheirar-se por detrás do poder político, financeiro ou eclesiástico. Não se deve permitir que homens astuciosos, perversos e artificiosos organizem-se para a exploração e opressão daqueles que, por causa do seu idealismo, não estão dispostos a recorrer à força para se autoproteger ou para a execução dos seus projetos dignos de louvor.

2. Desafiando a Autoridade do Mestre

173:2.1 (1891.2) A entrada triunfal em Jerusalém, no domingo, intimidara tanto os líderes judeus que eles se abstiveram de prender Jesus. Hoje, essa purificação espetacular do templo, do mesmo modo, adiou efetivamente a prisão do Mestre. Dia a dia, os dirigentes dos judeus tornavam-se cada vez mais determinados a destruí-lo, mas ficavam perturbados por dois medos, que conspiraram para retardar a hora de desferir o golpe. Os principais sacerdotes e os escribas não estavam dispostos a prender Jesus em público, por medo de que a multidão se voltasse contra eles na fúria do ressentimento; eles também temiam a possibilidade de terem de convocar os guardas romanos para sufocar uma revolta popular.

173:2.2 (1891.3) Na sessão do sinédrio, ao meio-dia, ficou decidido por unanimidade que Jesus devia ser rapidamente destruído, já que nenhum amigo do Mestre comparecera a essa reunião. Contudo, não conseguiram chegar a um consenso quanto ao momento e à maneira de prendê-lo. Finalmente concordaram em apontar cinco grupos para se misturarem ao povo e, então, buscar enredá-lo nos próprios ensinamentos ou, de algum outro modo, colocá-lo em descrédito perante aqueles que ouviam o seu ensinamento. E, assim, por volta das duas horas, quando Jesus mal havia iniciado a sua palestra sobre “A Liberdade da Filiação”, um grupo desses anciões de Israel abriu caminho até perto de Jesus e, interrompendo-o da maneira costumeira, fizeram esta pergunta: “Com qual autoridade tu fazes essas coisas? Quem te deu essa autoridade?”

173:2.3 (1891.4) Era de todo próprio que os dirigentes do templo e os oficiais do sinédrio judeu devessem fazer essa pergunta a qualquer

um que presumisse ensinar e atuar de modo extraordinário, como havia sido característico de Jesus, especialmente no que concernia à sua conduta recente de retirar todo o comércio do templo. Esses comerciantes e cambistas operavam todos com a licença direta dos dirigentes mais altos; e uma percentagem dos seus ganhos, supunha-se, ia diretamente para o tesouro do templo. Não vos esqueçais de que *autoridade* era a senha para todo o mundo judeu. Os profetas estavam sempre suscitando problemas posto que, tão ousadamente, presumiam ensinar, sem autoridade, sem terem sido devidamente instruídos nas academias rabínicas e sem serem ordenados regularmente pelo sinédrio. A falta dessa autoridade, em pregações públicas pretensiosas, era considerada como indicadora de atrevimento ignorante ou de rebelião aberta. Nessa época, apenas o sinédrio poderia ordenar um ancião ou um instrutor; e a cerimônia para tal havia de ter lugar na presença de pelo menos três pessoas que tivessem sido assim anteriormente ordenadas. Tal ordenação conferia o título de “rabino” ao instrutor e também o qualificava para atuar como juiz, “obrigando ou desobrigando as questões que poderiam ser levadas a ele para julgamento”.

173:2.4 (1892.1) Nessa hora da tarde, os dirigentes do templo vieram perante Jesus, não apenas desafiando o seu ensinamento, mas também os seus atos. Jesus bem sabia que esses mesmos homens há muito vinham afirmando publicamente que a sua autoridade para ensinar era satânica, e que todas as suas obras poderosas haviam sido realizadas pelo poder do príncipe dos demônios. O Mestre, por conseguinte, começou a sua resposta à pergunta deles devolvendo-

lhes uma contrapergunta. Disse Jesus: “Eu gostaria de fazer-lhes uma pergunta que, se me responderdes, eu da mesma forma dir-vos-ei por meio de qual autoridade eu faço essas obras. De quem provém o batismo de João? João obteve a sua autoridade dos céus ou dos homens?”

173:2.5 (1892.2) E quando os seus interrogadores ouviram isso, retiraram-se de lado para aconselharem-se entre si quanto à resposta que deveriam dar. Haviam pensado em embaraçar Jesus diante da multidão, mas agora se encontravam muito mais confundidos diante de todos que estavam reunidos naquele momento na praça do templo. E a derrota deles tornou-se ainda mais aparente quando voltaram dizendo a Jesus: “A respeito do batismo de João, não podemos responder; não sabemos”. E assim responderam ao Mestre após haverem argumentado entre si: se dissermos que vinha do céu, então ele nos perguntará por que não acreditamos nele, e, talvez, ainda acrescente que recebeu a sua autoridade de João; e se dissermos que provinha dos homens, então a multidão poderia voltar-se contra nós, pois a maioria deles sustenta que João foi um profeta. Desse modo eles viram-se obrigados, perante Jesus e o povo, a confessar que, mesmo sendo instrutores e líderes religiosos de Israel, não podiam (ou não queriam) expressar uma opinião sobre a missão de João. E depois que eles falaram, Jesus, abaixando os olhos até eles, disse: “Eu, tampouco, dir-vos-ei por autoridade de quem eu faço essas coisas”.

173:2.6 (1892.3) Jesus nunca teve a intenção de recorrer à autoridade de João; João nunca fora ordenado pelo sinédrio. A autoridade de Jesus estava nele próprio e na supremacia eterna do seu Pai.

173:2.7 (1892.4) Ao empregar esse método para lidar com os seus adversários, Jesus não teve a intenção de evadir-se da pergunta. A princípio poderia parecer que ele fosse culpado de uma evasiva magistral, mas isso não aconteceu. Jesus nunca se dispôs a tirar uma vantagem injusta, nem mesmo dos seus inimigos. Na sua evasiva aparente, ele realmente ofereceu a todos os seus ouvintes a resposta à pergunta dos fariseus sobre a autoridade que estava por trás da sua missão. Eles haviam afirmado que Jesus atuava pela autoridade do príncipe dos demônios. E ele havia repetidamente dito que todos os seus ensinamentos e obras vinham do poder e da autoridade do seu Pai nos céus. E a isso os líderes judeus recusaram-se aceitar; e buscavam apossá-lo, levando-o a admitir que era um instrutor irregular, já que nunca havia sido sancionado pelo sinédrio. Ao responder a eles como o fez, embora sem pretender que a sua autoridade viesse de João, ele satisfez ao povo com a conclusão de que o esforço dos seus inimigos, para pegá-lo em uma armadilha, efetivamente havia recaído sobre eles próprios e os desacreditava aos olhos de todos ali presentes.

173:2.8 (1892.5) E tal genialidade do Mestre, para lidar com os seus adversários, era o que os deixava com tanto medo dele. E não tentaram mais perguntar nada naquele dia; retiraram-se para aconselhar-se ainda mais entre si. O povo, contudo, não demorou em discernir a desonestidade e a insinceridade nessas perguntas feitas

pelos dirigentes judeus. Mesmo a gente comum não podia deixar de diferenciar entre a majestade moral do Mestre e a hipocrisia insidiosa dos seus inimigos. Contudo, a limpeza do templo havia levado os saduceus a unirem-se aos fariseus, no aperfeiçoamento do plano para destruir Jesus. E os saduceus agora representavam a maioria no sinédrio.

3. Parábola dos Dois Filhos

173:3.1 (1893.1) Enquanto os capciosos fariseus permaneciam ali diante de Jesus, em silêncio, ele abaixou os olhos para encará-los e dizer: “Posto que tendes dúvidas sobre a missão de João e já que estais coligados, em inimizade, contra os ensinamentos e obras do Filho do Homem, prestai atenção à parábola que irei contar-vos: Um certo dono de terras, grande e respeitado, possuía dois filhos e, desejando a ajuda dos seus filhos na administração das suas extensas propriedades, veio até um deles e disse: ‘Filho, vá trabalhar hoje no meu vinhedo’. E esse filho irrefletido respondeu ao pai dizendo: ‘Eu não irei’; mas arrependeu-se depois e foi. Quando se encontrou com o filho mais velho, disse-lhe do mesmo modo: ‘Filho, vá trabalhar no meu vinhedo’. E esse filho, hipócrita e infiel, respondeu: ‘Sim, meu pai, eu irei’. Mas quando o seu pai distanciou-se, ele não foi. Deixe que eu vos pergunte, qual desses filhos realmente fez a vontade do seu pai?”

173:3.2 (1893.2) E o povo falou em uma só voz, dizendo: “O primeiro filho”. E então Jesus disse: “Assim é; e agora eu declaro que publicanos e prostitutas, ainda que pareçam negar-se ao chamado de arrependimento, verão o erro do seu caminho e irão para o Reino de Deus, antes de vós, que têm grandes pretensões de servir ao Pai nos céus, mas que recusais a fazer as obras do Pai. Não fostes vós, fariseus e escribas, que crestes em João, mas foram, sim, os publicanos e os pecadores; e vós não acreditais nos meus ensinamentos, mas o povo comum ouve as minhas palavras com contentamento”.

173:3.3 (1893.3) Jesus não desprezou os fariseus e os saduceus pessoalmente. Ele buscou desacreditar, na verdade, os seus sistemas de ensino e de prática. Ele não foi hostil a nenhum homem, mas, em tudo isso, ocorre um choque inevitável entre uma religião nova e viva, do espírito, e a religião velha, da cerimônia, da tradição e da autoridade.

173:3.4 (1893.4) Os doze apóstolos, durante todo esse tempo, permaneceram perto do Mestre; mas, de nenhum modo participaram desses atos. Cada um dos doze reagia, de uma maneira própria e peculiar, aos acontecimentos desses últimos dias na ministração de Jesus na carne; e cada um deles, igualmente, permaneceu obediente ao comando, do Mestre, para que se abstinêsse de qualquer ensinamento e pregação públicos durante essa semana de Páscoa.

4. Parábola do Proprietário Ausente

173:4.1 (1893.5) Quando os principais fariseus e escribas, que haviam procurado envolver Jesus com as suas perguntas, terminaram de ouvir a história dos dois filhos, retiraram-se para um novo aconselhamento; e o Mestre, voltando a sua atenção para a multidão atenta, contou uma outra parábola:

173:4.2 (1893.6) “Havia um homem bom que era dono de uma propriedade e que plantou um vinhedo. Colocou uma cerca em volta da plantação, cavou uma vala para prensar uva e construiu uma torre-de-vigia para os guardas. Então, deixou o vinhedo para uns arrendatários, enquanto saiu em uma longa viagem a um outro país. Quando a estação das frutas se aproximou, ele enviou serviçais aos arrendatários, para receber o aluguel. Todavia, eles consultaram entre si e recusaram-se a dar àqueles serviçais as frutas que deviam ao senhor deles; além disso, agredindo os serviçais, bateram em um deles, apedrejaram outro e mandaram os outros embora, de mãos vazias. Quando o proprietário soube de tudo isso, enviou outros serviçais, de maior confiança, para negociar com esses arrendatários perversos; a estes, eles feriram e trataram também de modo vergonhoso. E então o proprietário enviou o seu serviçal favorito, o seu administrador; e eles mataram-no. E ainda, com toda a paciência e indulgência, ele despachou muitos outros serviçais; mas a nenhum

eles receberiam. Em alguns, eles bateram; a outros eles os mataram. E quando o proprietário se viu tratado dessa maneira, decidiu enviar o seu filho para lidar com esses arrendatários ingratos, dizendo a si próprio: ‘Eles podem destratar os meus serviços, mas certamente demonstrarão respeito pelo meu filho amado’. Mas, quando esses arrendatários perversos e sem arrependimento viram o filho, eles raciocinaram entre si: ‘Este é o herdeiro; vinde, vamos matá-lo e então a herança será nossa’. E assim eles agarraram-no e, depois de jogá-lo para fora do vinhedo, eles o mataram. Quando o senhor daquele vinhedo souber como eles rejeitaram e mataram o seu filho, o que ele fará àqueles homens ingratos e perversos?”

173:4.3 (1894.1) Ao ouvirem essa parábola e a pergunta que Jesus havia feito, alguns em meio ao povo responderam: “Ele irá destruir esses homens miseráveis e arrendará o seu vinhedo a outros agricultores honestos, que lhe entregarão as frutas na estação certa”. Quando alguns entre os que estavam ouvindo, perceberam que essa parábola referia-se à nação judaica, ao tratamento que ela havia dispensado aos profetas e à rejeição iminente de Jesus e do evangelho do Reino, eles disseram com tristeza: “Que Deus proíba que continuemos a fazer essas coisas”.

173:4.4 (1894.2) Jesus viu um grupo de saduceus e fariseus abrindo caminho na multidão; e, então, parou um pouco, até que eles chegassem perto dele, quando então disse: “Vós sabeis como os vossos pais rejeitaram os profetas; e bem sabeis que, no vosso coração, já decidistes rejeitar o Filho do Homem”. Na ocasião,

olhando de modo perscrutador para esses sacerdotes e anciãos que permaneciam na sua frente, Jesus disse: “Já lestes nas escrituras sobre a pedra que os construtores rejeitaram e que, quando o povo a descobriu, foi convertida na pedra angular? Assim, uma vez mais eu vos previno de que, se continuardes a rechaçar a esse evangelho, em breve o Reino de Deus será tirado de vós e dado a um povo disposto a receber as boas-novas e a conceber os frutos do espírito. E há um mistério a respeito dessa pedra, pois aquele que cai sobre ela, ainda que se rompa em pedaços, será salvo; mas aquele, sobre o qual essa pedra cair, será convertido em pó e as suas cinzas jogadas aos quatro ventos”.

173:4.5 (1894.3) Ao ouvirem essas palavras, os fariseus compreenderam que Jesus referia-se a eles próprios e aos outros líderes judeus. Eles desejavam ardentemente prendê-lo ali e naquele momento, mas temiam a multidão. Contudo, estavam tão enraivecidos com as palavras do Mestre que se retiraram e organizaram outro conselho, entre eles, para saber como poderiam levá-lo à morte. E, naquela noite, os saduceus e os fariseus uniram as mãos para planejar pegá-lo no dia seguinte.

5. Parábola da Festa de Casamento

173:5.1 (1894.4) Após haverem-se retirado, os escribas e os dirigentes, Jesus dirigiu-se uma vez mais à multidão reunida e contou a

parábola da festa de casamento. Ele disse:

173:5.2 (1894.5) “O Reino do céu pode ser comparado a um certo rei que fez uma festa de casamento para o seu filho e despachou mensageiros para chamar todos aqueles que haviam sido previamente convidados para a festa, dizendo: ‘Tudo está pronto para a ceia de casamento no palácio do rei’. Nisso, muitos daqueles que haviam prometido comparecer, desta vez negaram-se a ir. Quando o rei soube dessas recusas ao seu convite, enviou outros servos e mensageiros, dizendo-lhes: ‘Comunicai a todos aqueles que foram convidados, para virem, pois, eis que o meu jantar está pronto. Os meus bois e os animais mais gordos foram mortos, e tudo está mais que pronto para a celebração do casamento vindouro do meu filho’. E novamente os convidados negligentes fizeram pouco desse chamado do seu rei, e tomaram os seus caminhos; um foi para a fazenda, outro para a cerâmica e outros para as suas mercadorias. Outros, ainda, não contentes em menosprezar assim o convite do rei, em uma rebelião aberta, pegaram os seus mensageiros, maltratando-os vergonhosamente e matando mesmo alguns deles. Quando percebeu que os hóspedes selecionados, até mesmo aqueles que haviam aceitado o seu convite anterior e que haviam prometido comparecer às festas das bodas, por fim rejeitaram esse convite e em rebelião atacaram e mataram os mensageiros escolhidos, o rei ficou extremamente encolerizado. E, então, esse rei insultado instruiu os seus exércitos e os exércitos dos seus aliados para que destruíssem os assassinos rebeldes e incendiassem a sua cidade.

173:5.3 (1895.1)

“Depois de haver punido os que haviam desdenhado seu convite, escolheu ainda um outro dia para a festa de casamento e disse aos seus mensageiros: ‘Aqueles primeiros convidados para o casamento não são dignos; ide, pois, agora, às encruzilhadas das estradas e mesmo além das fronteiras da cidade e, a quantos encontrardes, convidai-os, ainda que sejam estrangeiros, para vir e comparecer a essa festa de bodas’. E, então, esses servidores foram às estradas e locais fora de rota, reunindo tantos quantos encontraram, bons e maus, ricos e pobres, de modo que, afinal, a sala de casamento ficasse repleta de convivas dispostos. Quando tudo se encontrava pronto, o rei veio estar com os convidados e, para sua surpresa, viu um homem sem a roupa nupcial. Havendo fornecido livremente as roupas das bodas a todos os convidados, o rei disse dirigindo-se a esse homem: ‘Amigo, como podes vir à sala dos convidados, em tal ocasião, sem uma roupa de casamento?’ E esse homem desprevenido ficou calado. Então, disse o rei aos serviais: ‘Expulsem da minha casa este convidado sem consideração. E que ele compartilhe da sorte de todos os outros que desprezaram a minha hospitalidade, rejeitando o meu chamado. Não terei aqui ninguém, a não ser aqueles que se regozijam de aceitar o meu convite, e que me honram ao vestir as roupas de convidados gratuitamente oferecidas a todos’”.

173:5.4 (1895.2)

Depois de contar essa parábola, Jesus estava a ponto de despedir a multidão, quando um crente comiserado, abrindo caminho por entre os grupos, até chegar a ele, perguntou: “Mas,

Mestre, como saberemos sobre essas coisas? Como estaremos prontos para o convite do rei? Que sinal tu darás para que saibamos que és o Filho de Deus?” E quando o Mestre ouviu isso, ele disse: “Apenas um sinal vos será dado”. E então, apontando para o próprio corpo, ele continuou: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei”. Mas eles não o compreenderam e, enquanto dispersavam-se conversaram entre si, dizendo: “Este templo está sendo construído há quase cinqüenta anos, e ele ainda diz que o destruirá e o reconstruirá em três dias”. Mesmo os seus apóstolos não compreenderam o significado dessa afirmação, mas, posteriormente, depois da sua ressurreição, eles recordaram-se do que Jesus havia dito.

173:5.5 (1895.3) Por volta de quatro horas, nessa tarde, Jesus acenou para os seus apóstolos e indicou que desejava deixar o templo e ir a Betânia para a sua refeição e para descansar naquela noite. Na subida do monte das Oliveiras, Jesus indicou a André, a Filipe e a Tomé que, no dia seguinte, deveriam estabelecer um acampamento mais próximo da cidade, para poderem ocupá-lo durante o restante da semana da Páscoa. Em cumprimento a essa instrução, na manhã seguinte, colocaram as suas tendas em uma ravina inclinada que dominava o parque de acampamento público do Getsêmani, em um pequeno terreno que pertencia a Simão de Betânia.

173:5.6 (1896.1) E, novamente, era um grupo de judeus silenciosos, aquele que subiu a rampa oeste do monte das Oliveiras, nesse domingo à noite. Esses doze homens, como nunca antes, começavam a sentir que alguma coisa trágica estava para advir. Embora a

dramática purificação do templo, durante aquela manhã, houvesse renovado as esperanças de ver o Mestre impor-se, manifestando os seus altos poderes, os acontecimentos de toda a tarde resultaram mais em um anticlímax apenas, pois indicavam todos uma rejeição certa dos ensinamentos de Jesus, da parte das autoridades judaicas. Os apóstolos, que estavam já tomados pela dúvida, se viram presos pela forte garra de uma incerteza terrível. Deram-se conta de que uns poucos e curtos dias, apenas, interpunham-se entre os acontecimentos do dia que passava e o colapso de uma fatalidade iminente. Todos sentiam alguma coisa terrível por acontecer, mas não sabiam o que esperar. E foram para os seus vários locais de descanso, mas pouco dormiram. Até mesmo os gêmeos Alfeus, afinal, foram despertados para a compreensão de que os acontecimentos da vida do Mestre estavam rapidamente atingindo a sua culminação final.